

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 25, setembro 2017, Editorial]

**Retomar o Brasil é um ato de
amor e fé pela
saúde do trabalhador**

Há um sentimento de tristeza cívica entre aqueles que sonham com um país que não é este que estão desenhando. Há um tantão de povo, e o povo da saúde do trabalhador está nele incluído, que quer outro país, outra terra, outra nação, outra pátria e outro Estado que nos honre. Por ora, o sentimento é de profunda tristeza cívica. Há um parlamento que nos desonra, há um judiciário que nos confunde, há um executivo que nos desmonta, há uma mídia que nos engana, mas há uma coragem recolhida e pronta para ser usada contra isso. Há também uma voz que espera a hora de ser berrada. Há, ainda, uma solidariedade entre nós em construção silenciosa e há uma alegria cívica sendo tecida. Paira no ar uma sensação de esperança tão avassaladora que ainda não nos demos conta de reconhecê-la em nossas cabeças-punhos-pés. Fizeram-se donos do país aqueles que falam em nome deles mesmos, como se a história do mundo não lhes mostrasse que sua hora chegará. A saúde do trabalhador, com a feira de seus doentes e mortos, que o diga. Trabalhadores constroem a pátria em troca da escuridão. Os atuais e efêmeros donos do poder rifam o país como se rifassem uma prenda numa festa de bois de raça e cavalos corredores. Sua desgraça é continuarem tentando ser senhores de escravos, ladrões da coisa pública, corruptos, machistas, violentos, racistas, homofóbicos, xenófobos, fundamentalistas. A classe política brasileira de tão degenerada, em sua maioria, envergonha a arte da política. Suas palavras de ordem de veneração ao mercado, ao capital, à acumulação ilimitada, ao Estado mínimo, ao desmonte das políticas públicas, à privatização da saúde, da educação, da ciência, da arte, do meio ambiente, da previdência social, do trabalho, à concentração ainda maior da terra, ao completo abandono da habitação e do transporte são palavras amaldiçoadas pela sentença de um futuro que está cada vez mais próximo. País nenhum é capaz de ser tão espoliado e maltratado por uma classe política degenerada que não tem limite na sua ousadia. É sabido que o nosso lugar de fala - o da saúde do trabalhador - encontra-se no espectro ideológico da esquerda. Não há espaço na militância da saúde do trabalhador para o que entendemos como direita política.

A direita política é absolutamente incompatível com a defesa da saúde no trabalho, especialmente em nosso país, cujo capitalismo é desumano, se é que há humanidade no capitalismo, é predatório, é oportunista, é insensível, é opressor, é explorador, para ficar em alguns de seus adjetivos, hoje cada vez mais evidentes. É claro que não estamos falando do caráter de pessoas, falamos do caráter de ideologias. Quando falamos de uma direita, no Brasil, estamos falando de uma doutrina que tem na riqueza infinita de poucos a miséria infinita da grande maioria. E falamos, ainda, de posições político-partidárias que não têm em sua agenda a questão dos direitos humanos. Pois se a saúde do trabalhador não é, em primeira e última instância, uma questão de direitos humanos, o que mais seria? Mas, também, não somos ingênuos de pensar que a esquerda, no Brasil, não tem cometido erros, e graves. Erros, especialmente, quando contemporiza com o poder econômico e com esse capital da pior laia, em nome de uma governabilidade que não vinga. Transigir com o latifúndio, com a privatização da educação e da saúde, com o financiamento público das empresas privadas, com as grandes fortunas, com a destruição ambiental, com o extermínio de populações vulneráveis, com o direito de herança, com a exploração do trabalho, com a Cia. Ltda. da corrupção, com o patrimonialismo, o clientelismo, o fisiologismo, o nepotismo e o tráfico de influência, com a ocupação político-partidária de cargos técnicos no poder executivo, com o analfabetismo funcional, com as sangrias internacionais, com o enfraquecimento do Estado, e tantas outras contradições, tem como resultado um país de poucos para poucos, que destroça direitos como descarta caroços, razão de nossa tristeza cívica. Diante da gravidade da atual demolição de direitos que, no nosso caso da saúde, é muito evidente e nos está muito próxima, a agenda eleitoral de 2018 não parece ser o nosso estuário de esperanças. Retomar o Brasil das mãos de quem nos usurpa a esperança é um ato de amor e fé ao nosso país.

Para isso, assim como o beija-flor que carrega sua gotinha d'água no bico para ajudar a apagar o incêndio da floresta, o Fórum Intersindical tem muita água p'ra carregar, capaz de apagar quanto fogo que tenha que enfrentar.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.